



Projeto Xaoz

# Epistemologia

*1. reflexão geral em torno da natureza, etapas e limites do conhecimento humano (...); teoria do conhecimento.*

*2. freq. estudo dos postulados, conclusões e métodos dos diferentes ramos do saber científico, ou das teorias e práticas em geral (...); teoria da ciência.*

As Ciências Exotéricas - com informações públicas e/ou falando sobre o mundo “externo” - e as Ciências Esotéricas - com informações reservadas e/ou falando sobre o mundo “interno” - se desenvolveram lado a lado, frequentemente correspondendo uma à outra por uma Lei da Correspondência tácita ou explícita - o que acontecia no mundo externo deveria corresponder ao que acontecia no mundo interno.

Até o Século II, a Astrologia e a Astronomia eram basicamente uma só. No Século XVI, os compêndios que falavam sobre História e Geografia ainda eram compilados por escribas e sacerdotes, e as enciclopédias de Zoologia falavam muito mais sobre curiosidades mitológicas do que apresentavam um estudo sistemático de Biologia. Somente no Século XVII a química começou a se delinear de forma separada da Alquimia, sendo Isaac Newton frequentemente citado como um dos últimos alquimistas e um dos primeiros cientistas das Ciências Exatas.

A Epistemologia - termo cunhado no Século XIX por James Ferrier - busca estudar o desenvolvimento e a filosofia do conhecimento humano, e observa que os fundamentos das ciências tiveram grande ligação com os fundamentos do ocultismo em seus primórdios. Ela tem algumas vertentes interessantes, por exemplo o Desenvolvimento e Evolução do Conhecimento, a Classificação e Taxonomia do Conhecimento, e a Filosofia das Ciências e do Conhecimento. Estuda não só como as ciências se desenvolveram, mas também como elas podem ser classificadas e a sua forma de pensar o mundo, a sua filosofia.

O papel dos filósofos nas ciências é imprescindível, ainda mais em relação a assuntos de fronteira com os quais ainda não estamos acostumados. Se a realidade é quântica e muda com o observador, e se o tempo é relativo, deve-se pensar em uma forma nova para pensar nas ciências exatas. Astronautas que saem do planeta e que podem se deparar com novas vidas devem pensar em como vão pensar nesse fator. Um cientista social que deseja estudar outros povos deve pensar em como vai lidar com os saberes de outras culturas, muitas vezes em oposição direta à sua própria moralidade. As etnociências têm buscado aprender com os povos originários, mas como fazer isso sem deturpar os conhecimentos e sem roubar deles o protagonismo?

Sendo assim, não só a filosofia tem papel atuante no desenvolvimento das ciências, como a epistemologia tem um trabalho imprescindível em mostrar como tudo se desenvolveu. E é neste ponto que vemos a grande contribuição do que hoje é chamado “folclore”, “superstição”, “magia”, no desenvolvimento do que consideramos “ciência”.

## **“Xamanismos”, Medicina e Farmacêutica**

Toda magia e toda ciência inicia como algum tipo de Xamanismo - surgindo no primeiro contato do ser-humano com a natureza à sua volta, como a primeira forma de pensar sobre como se dão os processos naturais e a relação com o entorno.

Os sacerdotes de diversas etnias em diversas épocas explicam o mundo com base em poderes intrínsecos dos animais e das plantas, além de espíritos e seres benéficos ou maléficos associados aos elementos da natureza. Esta explicação foi inclusive adotada por alguns autores até meados do Século XVII, quando podem ser encontrados compêndios enormes como os de Robert Fludd explicando todas as doenças como sendo enviadas por demônios dos 4 cantos do mundo.

Com o tempo, os xamãs foram se tornando os médicos do vilarejo, os mestres das ervas foram se tornando apotecários ou boticários, as cidades passaram a contar com grandes

farmacêuticos para manipular os espíritos e humores, e médicos passaram a curar as pessoas com sanguessugas e sangrias. O ofício se especializou e surgiram a medicina e a farmacêutica como as conhecemos hoje.

Cabe ressaltar que não existe um só “Xamanismo”, pois como já foi abordado anteriormente este termo acaba sendo uma expressão guarda-chuva para diversas práticas que envolvem sacerdotes, curandeiros, pajés e shamans de forma geral (tendo sido muitas vezes usado de forma pejorativa ou para negar identidades ao misturar tudo em um só conjunto). Além disso, poderia ser mais correto chamar os reconstrucionismos parciais contemporâneos de “Neo Xamanismos”, em comparação aos “Xamanismos” originários.

## **Astrologia e Astronomia**

As origens da Astronomia podem ser rastreadas até pelo menos 3.200 AC, quando na Suméria se usavam símbolos para ajudar a memorizar as estrelas que podiam ser vistas em cada direção. Existiam dois usos principais da Astrologia, que se especializaram até cerca de 1.100 AC: a observação de sinais no céu para saber as épocas relacionadas à agricultura e ao pastoreio; e a astrologia como marcação de tempo para realizar festivais e rituais sagrados. Por volta de 2.800 AC, surgiu no Mediterrâneo outra utilidade: as constelações para guiar navegantes nos reinos com forte inclinação naval - como os Minoicos de Creta.

Na Suméria por volta de 1.500 AC surgiram as Pedras Kudurru, que mostravam constelações como marcadores do tempo em que foi assinado um decreto ou começou um reinado. Em 1.300 a 1.100 AC, todas estas utilizações para as constelações foram sendo compiladas em um só corpo de saberes, o que ocorreu nas Tábuas chamadas “Tábua de três estrelas cada” (apresentava 3 estrelas por mês para cada povo) e “Tábua da constelação do arado” (originalmente Mul.Apin, que era a primeira constelação).

Foi na Grécia por volta de 500 AC que se iniciou um estudo mais sistemático das posições de planetas e estrelas para fins científicos, sendo que os saberes mágicos ou profecias foram vistos como um mistério trazido pelos Magi da Caldeia. O Zodíaco de Dendera, de 120 AC, mostrou que as constelações foram levadas para o Egito e misturadas com as que já haviam por lá, e o Atlas Farnésio de 200 DC mostra que os Gregos começaram a padronizar as constelações, até formar as 48 constelações clássicas. Todas elas ganharam mitologias para explicar seu surgimento.

No ano 1930, a União Astronômica Internacional definiu oficialmente os limites das 48 constelações “gregas” e mais 40 constelações modernas, formando o total de 88 que temos hoje na Astronomia. Mas a Astrologia continuou existindo paralelamente, e foi também simplificada para formar o que se chama popularmente de Horóscopo (no sentido de interpretações geralmente mais simples que utilizam a posição do Sol). As 12 constelações que constituem o Zodíaco foram escolhidas porque estão no Equador, são facilmente visíveis de todo o mundo, e estavam distribuídas de forma praticamente homogênea dividindo a Abóbada celeste em 12 partes.

## **Enciclopédias, Ciências Sociais e Biológicas**

O Enciclopedismo foi uma iniciativa do iluminismo do Século XVIII no sentido de compilar todo o conhecimento da humanidade na forma de livros, chamados Enciclopédias. Tais enciclopédias obviamente tiveram que se dividir em temas, pois havia muito conhecimento a ser compilado, e a profusão de novos estudos que surgiam a cada dia motivou uma evolução gradativa das Enciclopédias para Registros de Seminários, Anais de Congressos e Periódicos, como os conhecemos até hoje. Mas desde bem antes (por exemplo, no Século XIV) alguns autores já tentavam compilar informações em Compêndios, Dicionários e Mapas.

Os trabalhos de compilação de conhecimento costumavam misturar informações mitológicas e informações comprovadamente reais, muitas vezes porque ouviram falar ou

porque alguém viajou para algum local e trouxe informações. Houve também muita influência do senso comum e da religião no conteúdo destes compilados. O Dictionnaire Infernal, por exemplo, era inicialmente um compêndio de deuses maiores e deuses menores (daemons) de diversos povos, mas após a conversão de seu escritor ao catolicismo as entidades passaram a ser descritas como demônios - suas descrições também foram refeitas, acrescentando-se termos bastante maléficis. Ele descrevia deuses de outras culturas, mas quando passou a acreditar em apenas um deus verdadeiro passou a chamar os outros de deuses falsos ou demônios.

Alguns mapas de navegação como o Atlas Catalão de 1375 mostravam não só os caminhos que um navegador poderia escolher, mas também representavam o que ele poderia encontrar em cada lugar. Isto incluía reis poderosos, cidades importantes, monstros marinhos e ilhas mitológicas (como a ilha mágica do Brasil, supostamente localizada na Costa da Irlanda). Compilados geográficos na forma de cartas de Tarot também passaram a ser impressos, para facilitar o aprendizado e a memorização, como o Tarot Geographica de 1725.

Com o tempo, o mundo foi sendo mais conhecido, as áreas de sombra diminuíram, os seres marinhos foram melhor entendidos, e os monstros pararam de ser desenhados em mapas. As ciências sociais sistematizaram o estudo de povos e de terras, e os acontecimentos históricos passaram a ser registrados e formalizados com maior foco na realidade objetiva. Porém, aspectos místicos continuaram fazendo parte do imaginário popular e estes seres/locais continuaram a ser estudados no ocultismo, agora como entidades/terras de outros planos e dimensões que não a física, ou como conteúdos do subconsciente.

É interessante também observar que até certo ponto a ciência da Zoologia era indissociável da Criptozoologia; não se tinha um limite entre quais animais eram reais, eram apenas muito raros, ou eram mal-entendidos na descrição ou na observação. Reis mostravam o seu poder por meio de seus bestiários, pequenos zoológicos onde reuniam animais curiosos trazidos

de diversas partes do mundo ou recebidos como presentes. Dizia-se que alguns monstros bem específicos habitavam certas partes do mundo, e eram dadas descrições detalhadas de suas formas, hábitos e nomes.

Os Djinnns ou Gênios eram vistos como seres reais que tinham até uma sociedade civilizada, e os Wolpertingers (coelhos de chifres) eram tidos como animais reais, como o nome científico de *Lepus Cornutus*, até o Século XVIII. Rinocerontes eram seres quase mitológicos, e Dürer desenhou um com placas de armadura e inspiração em crustáceos aquáticos apenas ouvindo falar sobre como era este animal.

Unicórnios também eram uma constante em compilados de zoologia, e dragões eram vistos como seres extintos - provavelmente porque os exploradores encontraram fósseis e não entenderam da mesma forma que a ciência de hoje o que seria um dinossauro. Até mesmo a postulação da Evolução Natural por Darwin teve como uma de suas inspirações a arte "mística" dos criadores de pássaros que prometiam produzir animais com qualquer cor e padronagem solicitada pelo cliente, fazendo isso apenas por cruzamentos sucessivos.

Com o tempo, a zoologia foi se separando da criptozoologia e estes se tornaram campos de estudo separados, um deles científico e outro mais esotérico. Os animais fantásticos, fadas e elementais foram saindo aos poucos dos compêndios zoológicos, e entendeu-se melhor o que era fato objetivo e o que era conteúdo mitológico. Mas não necessariamente há menor importância em um campo ou outro, ou eles deixaram de ser estudados com o mesmo afinco!

## **Alquimia e Química**

No Egito por volta de 2.500 AC, supostamente na região de Tebas, já havia conhecimentos bem evoluídos de alquimia, principalmente para a elaboração de tintas sintéticas como o Azul Cerúleo ou Azul Egípcio - foram encontrados artefatos de até mesmo 3.250 AC usando este pigmento! A história fica complexa quando os romanos chegam ao Egito em 332 DC e

aprendem esse conhecimento, que também é aprendido pelos Árabes em 700 DC e se mistura com outros conceitos de cada povo até chegar na Europa dos anos 800 DC.

No Século IX, portanto, percebe-se que a Alquimia já é uma ciência que manipula elementos inorgânicos (principalmente metais) e orgânicos (principalmente amoníaco e ceras), mas também tem alguns experimentos que envolvem a criação de vidas! Homúnculos são pequenos humanos que estariam contidos nos espermatozoides e poderiam ser incubados em frascos. Animúnculos são pequenos animais que também podem ser incubados em frascos no laboratório. Os elementais são as salamandras (fogo), os gnomos (terra), os silfos (ar) e as ondinas (água), que podem ser conjurados fazendo os experimentos adequados. Os espíritos do vinho inclusive deram origem ao nome vulgar para o etanol e bebidas destiladas: al-ghoul (álcool) ou “spirits”.

A primeira tabela periódica da alquimia contava apenas com Terra, Água, Fogo, Ar e Éter, mas foram sendo adicionadas mais substâncias como metais e ametais, promovendo sua evolução passando por Mendeleev até a que conhecemos hoje. A Alquimia tinha como princípio quebrar compostos complexos (solve) para purificá-los e formar compostos novos (coagula), dos quais o principal seria a famosa pedra filosofal - capaz de produzir o elixir da vida eterna.

Inicialmente os processos físicos eram entendidos de forma conjunta com processos mentais e espirituais, mas com o tempo estas disciplinas se separaram, e a Química passou a tratar apenas do que poderia ser objetivamente medido, enquanto a Alquimia passou a tratar dos processos mentais e espirituais que tinham associação com eles. A Alquimia consiste, hoje, em reagir e transformar conteúdos mentais para melhor aproveitamento da vida e realização da Grande Obra.

## **Simbolismo e o Estudo da Mente Humana**

No desenvolvimento da Cabala como disciplina de aprimoramento pessoal, vê-se uma correlação interessantes



com conceitos da psicologia e da psicanálise; a interpretação psicológica de Arthur Edward Waite nos anos 1900 sobre quaisquer rituais de magia e sobre o uso do Tarot também deixa claro o alinhamento com essas correntes, porém nestes casos há pouca menção específica de um a outro campo do conhecimento, ou seja, não pode-se dizer que as vertentes evoluíram necessariamente em conjunto.

As cartas mamelucas (Mamluk) dos anos 1200 e as cartas Naibis dos anos 1450, aliadas aos Triunfos que eram pinturas representando acontecimentos importantes do reino, ajudaram a formar o conjunto de cartas de Tarot que ficou mais conhecido nos anos 1499, o Tarot de Marselha - contendo 22 Trunfos ou Arcanas Maiores mais 56 Arcanas Menores divididas em 4 Naipes. Estas cartas passaram de um simples jogo a um método de adivinhação (que também era entretenimento) conhecido nas salas de jogos de toda a Europa. Em 1909, Pamela Smith desenhou o incrível Tarot desenvolvido por Waite, que passou a ser usado de forma muito mais psicológica do que mágica (contrastando com o baralho de Crowley desenhado por Frieda Harris, de 1944).

Esta tendência de “psicologização da magia” andou em paralelo com o desenvolvimento da psicologia analítica em si. Em 1882 Freud começa a delinear a separação entre os âmbitos inconsciente e consciente, em 1912 Jung enuncia o conceito de arquétipos, inclusive citando o Tarot e o iChing, e em 1951 Lacan lança as bases do entendimento de que nossa própria personalidade pública, o nosso “eu”, seria algo simbólico construído com base na linguagem.

Sendo assim, vê-se que a magia e o entendimento da mente humana evoluíram paralelamente em torno dos anos 1900, e que hoje há vertentes mágicas muito mais voltadas para uma interpretação psicológica dos resultados, usando inclusive termos emprestados da psicologia e da psicanálise. Um conceito pode ter influenciado o outro, ou o espírito daquela época (Zeitgeist) pode ter influenciado ambos.

## Vertentes “Quânticas”

A Magia faz parte da sociedade, e por isso evolui em conjunto com ela, não estando de forma alguma estagnada no tempo ou alienada de outros campos como os da ciência. Nos anos 20 começaram a ser delineadas de modo mais específico as bases da Física Quântica, e grandes nomes como Schrödinger postularam a influência do observador no sistema observado, bem como a interconversão entre energia e matéria, e os caminhos da termodinâmica ditados pela entropia também a nível atômico.

As vertentes mágicas também evoluíram, e começaram a surgir analogias entre conceitos milenares de diversos povos e as recém postuladas ciências quânticas. Como o hermetismo já postulava, percebeu-se que a mente influenciava no universo (por exemplo, alterando uma medição), que os elementos pequenos refletiam os grandes (por exemplo, com órbitas planetárias e orbitais eletrônicos) e que tudo vibrava entre dois pólos (como por exemplo nos osciladores harmônicos). Tudo poderia ser entendido como ondas e frequências, e por acaso algumas eram mais densas, parecendo matéria para nós. Com a Magia do Caos dos anos 70 e o livro *The Octavo* de 2010, Peter Carroll lançou provocações sobre como na verdade a Magia e a Ciência poderiam estar falando das mesmas coisas sob linguagens diferentes.

Aqui deve ser feito uma ressalva: por enquanto, há analogias entre magia e ciências exatas, mas não uma comprovação direta propriamente dita. Portanto, deve ser observado sempre o uso dos termos corretos, para que as vertentes e terapias esotéricas não dêem uma impressão de estarem tentando se passar por ciências exatas, e não sejam rotuladas como “pseudociências”.

Sabendo os limites de aplicação de cada um dos campos, ambos poderão certamente evoluir juntos, aproveitando conceitos um do outro, e traçando sinergias interessantes. Campos da ciência não mais descartarão os saberes esotéricos antes de pesquisar o que há de verdade ali, e o ocultismo não

precisará se opor ao método científico, mas sim aprender com ele algumas ferramentas que podem ser usadas.

**Por: G. Costa.**

Referências: Harvard e NASA - Origin of the Ancient Constellations I & II (artigos); BRAGA, GUERRA e REIS - Breve História da Ciência Moderna (coleção); HAWKING, Stephen - Uma Breve História do Tempo (livro); JUNG, Carl G. - O Homem e Seus Símbolos (livro).